



ADALINO CABRAL

Veterano do Vietname, professor com oito mestrados e um doutoramento e grande defensor da língua e cultura portuguesas

Vai ser finalmente lançado no próximo mês de Novembro o livro “Portugueses no Vietname”, de Eduardo Mayone Dias e Adalino Cabral. Editado pela Peregrinação Publications, de Rhode Island, o livro é uma recolha dos testemunhos de 16 veteranos luso-americanos naquela guerra que “aceitaram regressar ao Vietname e enterrar no livro a sensação do iminente perigo de morte”.

A propósito deste lançamento, Mundo Português falou com um dos autores, Adalino Cabral, ele também um veterano do Vietname.

Três bacharelatos, oito mestrados e um doutoramento

Adalino Cabral é figura bem conhecida de toda a comunidade. Professor e grande entusiasta e defensor da língua e cultura portuguesas, é colaborador de praticamente todos os jornais portugueses que se publicam nos Estados Unidos, tendo ainda a sua produção dispersa um pouco por todo o mundo da emigração onde existe imprensa lusa. A sua formação académica é extensa: para além de um Associates Degree em Arts & Sciences do Bristol Community College e de dois bacharelatos — em Estudos Portugueses da Southeastern Massachusetts University, e Psicologia da University of the State of New York — conta no seu currículo com sete mestrados em diferentes áreas de várias universidades, incluindo a de Harvard, e um doutoramento

em Administration and Supervision do Boston College. Actualmente, finaliza um outro mestrado em Humanidades (concentração em História) na California State University— Dominguez Hills, preparando uma tese acerca das experiências de emigrantes ex-combatentes da guerra colonial em África. Coisa impressionante para quem deixou o liceu incompleto aos 18 anos para ingressar nas forças armadas americanas e tem estudado desde então sempre graças a bolsas de estudo.

Adalino é actualmente professor de português, espanhol e inglês em Malden, MA, onde foi um dos fundadores do programa bilingue. Já foi administrador na escolas públicas de Cambridge, MA, e leccionou em Boston, Cambridge e Hudson, nomeadamente na Boston University e no Stonehill College.

A tropa, o Vietname, a Reserva do Exército e a Guarda Nacional

Depois do Vietname, Adalino serviu vários anos na Reserva do Exército e é actualmente membro da Guarda Nacional, no corpo de Inteligência Militar, prestando serviço com a Equipa Portuguesa (pelotão) que trata de assuntos militares classificados de todos os países lusófonos — segurança nacional/internacional.

A história de emigração de Adalino Cabral começa nos seus avós maternos, Clemente Francisco Resendes e Maria Nogueira, que vieram para os Estados Unidos no princípio

do século XX “experimentar a sorte”. Fixaram-se em New Bedford, MA, cidade onde em 1920 nasceria a filha Olivia Resendes. A grande depressão dos anos 20 obriga a família a regressar ao Açores, onde Olivia casa com Manuel Rocha Cabral. Do casal nasceram 5 filhos — três raparigas e dois rapazes, um deles Idalino (Adalino) Cabral. Com o fim da Segunda Grande Guerra, e porque nos Açores o pão não dava para tanta boca, a família Cabral resolve emigrar, enviando Olívia (cidadã americana por nascimento) à frente do clã. Olivia chega a New Bedford a 15 de Janeiro de 1952, trabalhando dia e noite em duas fábricas da cidade. Nos Açores ficara o marido e os filhos, à espera da carta de chamada. O pior é que ninguém da família tinha sapatos, e quem vinha para a América tinha que vir calçado. O pai de Cabral tira então a medida aos pés dos filhos, com uns pequenos fios, e envia-os dentro de um envelope para a mulher na América. Um mês depois chegava aos Açores uma encomenda com sapatos para toda a família. Cabral recorda que foi “o delírio” na aldeia.

Em Janeiro de 1954 o resto da família junta-se à matriarca em New Bedford. Os primeiros anos não foram fáceis para a família, onde todos tinham de trabalhar duro para garantir o pão de cada dia. Idalino começou cedo na luta da vida — vendendo jornais, limpando isto ou aquilo, numa lavandaria, loja, restaurante, bomba de gasolina, limpando fezes de animais, ajudando o pai em trabalhos

“Portugueses no Vietname”: os medos, os horrores e traumas da guerra recolhidos em livro por Cabral

de pedreiro, numa casa funerária, etc... De-testava os estudos e aos 18 anos ainda andava na 9ª classe. Abandonou a escola e começou a trabalhar a tempo inteiro, na esperança de amealhar o suficiente para si e família. Mas a tropa veio interromper o sonho. Primeiro foi convocado para o Exército. Cabral era baixo, mas tinha músculos de aço, feitos à custa do exercício físico com pesos. Ele diz que começou a levantar pesos por causa dos colegas americanos, que gozavam consigo por ele ser pequenino e não falar muito inglês. “Chamavam-me greenhorn! black poragueue! stupid! e tudo o mais”. Cabral decidiu vingar-se e daí para a frente começou a treinar, “levantando pesos todos os santíssimos dias”. Dentro em breve “estava um homem. Já ninguém me tocaria...”

Por esse tempo a guerra do Vietname já fazia mortos e misérias em muitas casas americanas. Cabral bem o sabia, e como não era homem de matar ninguém, e muitos menos de se oferecer para morrer, decidiu anular a convocação dos dois anos obrigatórios no exército, conseguindo ingressar na Força Aérea com a promessa de que, servindo 4 anos em vez de 2, não iria para o Vietname. Puro engano: foi enviado para a recruta no Texas, onde recebeu treino no campo de transportes militares, e após dois anos de treino em temperaturas de 50 graus abaixo de zero no estado de North Dakota, vem a ordem que ele temia: VIETNAME, em serviço de ligação com o exército. Cabral sobrevive à guerra e a sua missão valeu-lhe mesmo várias medalhas e condecorações. De regresso aos Estados Unidos, matriculou-se no Bristol Community College, em Fall River, MA, onde concluiu o seu primeiro curso em 1971. Começa então a interessar-se pela língua e cultura portuguesas e ganha bolsas de estudo para os cursos de férias em Português das Faculdade de Letras das Universidade de Coimbra e Lisboa. Desde então o seu entusiasmo pelo estudo ainda não acabou, não fosse a sua máxima “Sempre p’ra frente”. Português “da cabeça aos pés”, é um acérrimo defensor dos genuínos valores da cultura lusa, o que lhe tem valido algumas distinções cá e lá. É membro de associações prestigiadas e os seus trabalhos e teses encontram-se espalhados por várias universidades. A par disto foi mantendo sempre viva a “ferida” do Vietname, recolhendo documentos e depoimentos de veteranos luso-americanos que ali serviram. São esses depoimentos que agora se prepara para lançar, em co-autoria com Mayone Dias, no livro “Portugueses no Vietname”. Mas sobre isso falará Cabral, na primeira pessoa, na entrevista que se segue.



Adalino Cabral no Vietname com crianças do orfanato “Love of the Cross”, em Agosto de 1968

A história do Adalino que virou Adalino

Mundo Português — De onde vem o nome Adalino?

Adalino Cabral — O meu nome de baptismo é Idalino. Só que quando cheguei aos EUA, a rapaziada gozava de mim, chamando-me “Ida” (tonicamente “Aida”). Queria naturalmente dar-lhes umas boas punhadas no focinho, mas era fraco, não falava inglês... Vieram então os exercícios com os pesos, e então — LOOK OUT!!! Bem, ainda adolescente tornei-me cidadão americano, optando por um “A” em vez do “I”, ficando o meu nome Adalino. Hoje arrependo-me disso! Deveria ter sido “Adelino” mas com aquela ânsia, lá fiz tudo à pressa e sem pensar. Hoje até “Idalino” é bonito e foi o que meus pais me deram quando nasci em Portugal.

MP — Você foi para a tropa voluntário ou recrutado?

AC — Fui convocado — “drafted” — pelos serviços de recrutamento dos Estados Unidos em 1965. Naquela altura, devido a guerra, estavam a precisar de soldados tanto no Exército como nos Fuzileiros Navais. A guerra no Vietname estava a tomar força. A comissão de serviço seria por apenas dois anos. Dos rapazes que conhecia, todos os convocados iam ou para o Exército ou Fuzileiros e

acabaram no Vietname. Como vi que tanto um como o outro me levaria à guerra de certeza, então procurei — e procurei mesmo — maneira de me safar. Pelo menos pensava eu. Não andava à procura de me safar de servir. Isso não. Mas preferia livrar-me da guerra. Não era esperto, mas também não era bobo! Enfim, bati à porta da Força Aérea e procurei saber se ainda haveria possibilidade de me incorporar como voluntário. O sargento deu-me logo um “NO!” — um não tão frio que me fez rogar pragas para mim mesmo. “E agora o que vou fazer!?” Teimei, teimei e teimei ainda mais. Eu não saía do escritório do pobre homem sem que primeiro recebesse resposta que me agradasse — que fosse um jeitinho qualquer, um arzinho positivo. Então, finalmente parece que por já estar mesmo chateadíssimo comigo, o sargento disse que ia ver o que poderia fazer e que me contactaria numa altura oportuna. Que alívio, santo Deus! Pelo menos fui para casa já mais leve um bocado. Passaram-se uns dias, uma semana, e pouco depois recebo um telefonema dele pedindo que me apresentasse no escritório, edifício central dos correios de New Bedford, que precisava de falar comigo pessoalmente. Zás-traz! Como gato atrás de rato, fui logo! Disse-

No Vietname, “não havia frente de batalha, estávamos sempre em perigo de morte, 24 horas por dia”

me ele então que não tinha sido nada fácil, mas procurou e conseguiu anular a minha convocatória (?) (“draft”), mas não sem condições específicas. Os serviços de recrutamento admitir-me-iam mas na condição de que eu seria obrigado a servir quatro anos de serviço na Força Aérea em vez de dois nos Fuzileiros ou Exército. Ah! sinos deliciosos a baladarem nos ouvidos. Mas — e sempre há o “mas” — antes de mais, perguntei ao sargento se de facto iria para a guerra. Ele disse-me então que se eu assinasse por quatro anos muito provavelmente não ia para a guerra, mas que se fosse por dois para o Exército ou Fuzileiros, era a guerra certa. Garantido! “Puxa vida rapaz!,” como dizem os nossos irmãos brasileiros. Assinei logo! Senti-me livre do perigo. Pensei para mim: Ah, que bom, agora terei oportunidade de ir para os Açores, Espanha, Itália! Quem me dera... Pensar no Vietname!? Deus nos livre... Nunca!

MP — Qual era o seu serviço?

AC — Após 2 anos no serviço de transportes numa base aérea de bombardeiros B-52 (Strategic Air Command-SAC) no estado de North Dakota, deixei este estado em 1968, morrendo de frio a rachar sem paixão a 50 graus abaixo de zero F. Fui para uma base na Califórnia por umas duas semanas para trei-



No dia de Natal de 1968 em Tan Binh, Vietname

no de combate na selva, metrelhadora M-60, pistola, espingarda M-16 (que já conhecia), baioneta, combate corpo-a-corpo, granadas, armadilhas, minas, morteadas... Tudo à moda guerrilheira, claro. Fiquei chocado e nervoso com aquilo tudo. Ora, eu não pertencia ao corpo de infantaria! Pertencia ao corpo de transportes militares da Força Aérea, algo longe da espingarda o do dia a dia no mato... Porque precisaria daquilo tudo? Li

na minha guia de marcha que ia para um lugar que ninguém conhecia. Ora essa! Que diabo é isso”? Não me venham enfiar num inferno desconhecido, remoto... Era para me ligar ao exército americano no Vietname em serviços de transporte, com base em Cam Ranh e o quartel-geral em Saigão, a então capital do Vietname do Sul. Sempre

me disseram (aliás, apenas após ter chegado ao Vietname!) que o soldado deveria tentar livrar-se de duas especialidades: infantaria e serviços de transporte. Quanto à infantaria, bem sabia disso, mas transportes??? Que remédio? Não escolhi a minha especialidade. Deram-me à força... Caramba, é pura verdade quando dizem que precisamos de aprender à nossa própria custa! Sem a infantaria,

não há defesa terrestre. Sem transportes, não há qualquer movimento... Se não há movimento, não há guerra. Quando há guerra é porque há movimento. Estava eu enfiado no meio daquilo todo. Com todos os diabos! Tive sorte, pelo menos durante os primeiros meses no Vietname. Logo após aterrar, um capitão da Força Aérea estava a precisar de mais soldados. Foi ele que pegou nos meus papéis (guia de marcha) e em vez de me mandar para o camião do Exército, como devia, mandou-

me esperar ali. E fiquei mesmo por uns poucos meses! Mesmo que fosse em zona de guerra, gostei mais. Mas chegou altura em que o comandante do corpo de transportes do exército (que estava durante aquele tempo todo à minha espera) descobriu — não sei como — que eu estava na esquadra do Capitão em outra base militar no Vietname. Houve ali zaragata, muito barulho. Pensei mesmo que eu próprio ia para a cadeia militar, acompa-



Cabral com a imagem de Nossa Senhora

nhado do capitão. Mas não, ele foi culpado. Ate hoje não sei que castigo lhe deram. Quanto a mim, caminho fora, agora com o exército. Quando cheguei à Companhia começaram a dizer umas coisas, e pronto. Claro, eu era apenas sargento e não mandava em mim. Já o capitão, desapareceu. Com o Exército, o resto torna-se menos bonito. Tanto que se aprendeu, meu Deus, chegava a deslocar-me por diversos pontos do país, naturalmente sempre bem armado. Ia-se às vezes de barco de transporte do Exército ou até da Marinha pela costa do Mar da China, metrelhadora sempre pronta, e balas a zenir do interior, de avião militar/helicóptero, por jeep, para pequenas deslocações, ou então de camião pela selva, quando era preciso. Naturalmente sempre muito bem armados e, quando era necessário, defendíamos o que era nosso quando éramos atacados. A minha comissão de serviço durou precisamente um ano, 365 dias. Às vezes pareciam anos... P’ro bem ou p’ro mal, cá andamos ainda.

MP — Havia outros colegas portugueses consigo? Como eram as relações entre os soldados?

AC — Cheguei a conhecer alguns portugueses, um dos Açores, outro de Coimbra e outro caboverdiano que era da área do Cape Cod, Massachusetts. Bons rapazes. Hoje não sei por onde andam, se estrelas a piscarem nos céus? Se milionários em Hollywood? Ou mesmo se vagabundos desalojados em terras portuguesas ou do Tio Sam? Sempre me dei bem com todos, mas de vez em quando havia um ou dois soldados que me irritavam quando travam os vietnamitas do sul como “gooks” — nome depreciativo que evidentemente primeiro se usou durante a guerra da Coreia.

Frente a frente com o inimigo: “Naquele dia ele morreu sem morrer e eu matei sem matar”

Cheguei a zangar-me e até a levantar soco em defesa dos pobres. Mas, enfim, o mal de tudo isto é que alguns deles faziam parte do corpo inimigo. Quem poderia saber? De dia, por exemplo, cortavam-nos o cabelo numa barbearia militar americana, e à noite cortavam-nos a garganta com uma faca, ou bombardeavam um quartel, ou sabotavam um tanque ou avião ou barco. Safa! Não havia frente, não havia protecção. Estávamos sempre em perigo de morte 24 horas por dia! Quando lá chegámos, a primeira coisa que nos disseram foi: “Vocês estão agora na guerra. O seu trabalho agora é sobreviver”. Cachimbos, pá, um tipo fica logo horrorizado com tais boas-vindas! Quer logo molhar as calças, caramba! Covardes? Nem por isso! Humanos? Isso sim.. A morte não discrimina! E quando ela anda à nossa volta diariamente, estamos sempre sujeitos a levar uma bala ou pedaço de metralha entre os olhos!

MP — A guerra do Vietname suscitou grandes movimentos de protesto nos Estados Unidos, principalmente da juventude. Como é que vocês, soldados, viam estes movimentos?

AC — Durante a nossa comissão no teatro de operações no Vietname, a atitude geral



Crianças vietnamitas durante a guerra do Vietname

era de que os “hippies” nos States andavam a fazer barulho escusadamente. Em vez de o fazer, deviam vir para o Vietname para lutar como nós! Eu próprio não me sentia nada bem, sabendo que andávamos a morrer e outros nos EUA andavam a queimar os seus cartões de recrutamento, outros fugindo para o Canadá para evitar serviço. Durante a nossa comissão de serviço na guerra, não tínhamos tempo para pensar acerca da verdade. Man-

davam-nos e nós obedecíamos. Fomos treinados para obedecer. Levou pouco, após ter regressado aos EUA, para que se ver friamente a realidade. Ora, os que andavam a protestar procuravam retirar-nos da guerra. No início, após ter regressado, não me senti nada bem-vindo. Por parte da minha família e amigos sim, claro. Mas dos outros, não queriam saber. Atiravam-nos nomes feios, assassinos de crianças, doidos, drogados. Hoje, uns 30 anos depois é que posso dizer “obrigado” áqueles que nos queriam ver fora daquele inferno. Tanto se aprendeu, e tanto se sofreu... Tenho dificuldade em perdoar aqueles que nos atacaram pessoalmente, que nos acusaram de sermos assassinos de bebés. Tenho grandíssima dificuldade em perdoar a acção duma estrela de cinema, Jane Fonda, que enquanto os nossos camaradas sofriam

torturas em prisões de Hanoi, se deslocou-se à cidade, aliando-se ao inimigo e minimizando o soldado americano. Imperdoável. Enfim, foi uma época doida, mesmo doida!

MP — Passou por alguma situação mais dramática nesta guerra cujas recordações ainda hoje não o deixam dormir?

AC — Tenho várias, outras mui-

to piores, mas uma muito especial que não pára, nunca, de puxar pela manga. E parece que à medida que vamos provando mais anos nos ombros, mais sensibilizados nos sentimos... “Dung lai!” — Stop, ou seja “alto!” — palavra, além de outras, de grande necessidade na zona de guerra no Vietname. Um dia estava de guarda num buraco — “fox hole” — com outro soldado, no cimo de uma ladeira, patrulhando um rio pequeno em bai-



Cabral em missão no mato

xo. Um estava sempre virado para o rio enquanto o outro para terra. Eram umas 5 horas da madrugada mais ou menos e o sol estava quase a piscar. De repente vejo uma silhueta à distância. Era um indivíduo com qualquer coisa às costas. Sabia lá o que era. Uma espingarda? Não ia agora experimentá-lo. Imediatamente avisei o meu colega e ele olhou. Estávamos um pouco nervosos, e gritei — e o colega também — mais que uma vez: “Dung lai! Dung lai!” (Para! Para!) Não parava e continuou andando atalho fora. Grito novamente mais alto ainda, e nada. Destranquei logo a espingarda e o meu colega virou logo a metrelhadora. Já tinha o homem na visão do fuzil. Decidi então fazer algo que fui muito bem avisado nunca fazer. Fui estúpido? Saí do buraco e aproximei-me do homem cuidadosamente. O pobre nunca me ouviu. Era um velhote. Tinha uma enxada às costas. Era agricultor. Ia para a terra. Apontei a espingarda, e novamente gritei “Dung lai!” Ele olhou para mim — de certo, coitado, era rijo de ouvido —, e ajoelhou-se logo e pegou a chorar e a gritar qualquer coisa com as mãos erguidas. Naquele momento, passou-me algo inexplicável por todo este organismo que até hoje — com todos os canudos que tenho! — não sou capaz de exprimir. O homem viu a morte sem morrer e eu matei sem matar, no momento morrendo sem morrer uma morte viva de dez mil almas. Meu pai era agricultor em São Miguel. Éramos pobres, na verdade, pobríssimos! Quis ajoelhar-me com o pobre. O peso da dor não me deixou parar de chorar até ao romper da aurora daquele dia, até ao romper da aurora de todos os dias desta vida.

MP — Se tivesse que dar uma aula aos

“Num país tão rico, há veteranos a pedir pão, a dormir na rua, a morrerem à fome ou alcoólicos...”

seus alunos sobre a guerra do Vietname, o que lhes dizia ou que experiência lhes contaria?

AC — Diria que ninguém quer morrer; que ninguém precisa de morrer na guerra; que ninguém tem o direito de matar, que não há justificação suficiente. Uma pinga de sangue é realmente demais. Que lutem pela justiça social, e através do trabalho árduo, a paz global soborear-se-á. Que se abracem em vez de se matarem; que cantem juntos em harmonia. Que, afinal, este mundo não pertence a ninguém, mas a nos todos. Abaixo com a guerra! Viva a Paz!

MP — Como é que surgiu a ideia de escrever o livro com Mayone Dias?

AC — Uma vez o Eduardo estava a falar comigo e mencionou, e até me convidou, a participar numa ideia que achei ter muito valor: entrevistar alguns ex-combatentes da guerra do Vietname. Aceitei logo, e desde então... Conheço o Eduardo há praticamente 30 anos e sempre gostei dele como colega, mas sobretudo como óptimo Amigo. Note que quero que se escreva amigo com um “A” maiúsculo. Não faltam “a” migos na vida, mas são raros e



Cabral com as crianças do orfanato vietnamita

Rhode Island, EUA, foi possível a publicação. O livro está prestes a chegar às prateleiras de todas as bibliotecas e casas, quer em terras americanas, quer em portuguesas, brasileiras, cabo-verdianas e por aí fora...

MP — Explique resumidamente de que trata o livro.

AC — São entrevistas com emigrantes portugueses que serviram na guerra do Vietname, que foram, digamos, “transplantados” para outro país, desta vez para lutar numa guerra envolvendo o país acolhedor. A verdade é que todos serviram com aquele sentido de obrigação; aliás, uma vez em terra nova, teremos que defendê-la. Procurou-se identificar os sentidos mais sentidos dos prazeres, medos, sofrimentos;

procurou-se a opinião de cada homem; procurou-se espelhar os horrores de outrora com a finalidade de os guardar ou documentar para sempre em forma de livro, para que a História possa, finalmente, ter conhecimento dum passado vinagroso numa guerra escusada em que também o nosso povo participou em prol dos princípios americanos.

MP — Foi fácil fazer as entrevistas com os

veteranos luso-americanos? Ainda se notam os traumas dessa guerra em alguns deles?

AC — Para mim, cada entrevista foi outra guerra. Não foi nada, mesmo nada fácil. Cada lágrima nos olhos dos meus irmãos, caía pelos meus olhos abaixo. Todos os que foram para a guerra foram-no como jovens, rapazes. Todos os que regressaram, vieram já como homens. Traumas? Alguns regressaram feridos fisicamente. Outros magoados mentalmente, e muitos — mais de 58.200 — em caixões. Os próprios hospitais dos Veteranos nos EUA estão cheios. Há uma média de 3 milhões de indivíduos desalojados neste país. Segundo uma sondagem, cerca de 90% deles são ex-combatentes da guerra do Vietname. Que tragédia, santo Deus! Num país tão rico — o mais rico no mundo! — há veteranos a pedir pão, a dormir em bancos nos parques de cidades, a morrerem a fome, a morrerem como alcoólicos. E, ainda por cima, calcula-se que o número de ex-combatentes que cometeram suicídio devido à guerra seja de cerca de 200.000 (sim, duzentos mil!) Os vivos — seja lá quem for — não podem nunca olvidar a guerra. E quem diz os nossos que regressaram do Vietname, diz todos os outros em todas as guerras, o que nos faz lembrar os nossos irmãos portugueses na guerra colonial em África na mesma altura do Vietname.

MP — Acha que a contribuição luso-americana para as várias guerras americanas e mundiais tem sido devidamente apreciada e reconhecida pelos dois governos, dos EU e de Portugal?



Cabral na base, preparando a defesa

poucos os “A” migos. O Eduardo sempre foi um deles e sempre será. O Mestre é modesto, mas a verdade é só uma. E agora, graças aos grandes esforços, do nosso editor, José Batista Brites, também “A” migo de primeiro plano, tanto meu como do Eduardo, da Editora Peregrinação Publications, Inc. (E-mail: jbrites@peregrinacao.com, www.peregrinacao.com) de East Providence,

AC — Houve — e ainda há sem sombra de dúvida — muitos ex-combatentes a sofrer, tanto em solo português como americano. Por exemplo, os ex-combatentes portugueses que emigraram para os EUA não receberam um escudo que fosse pelas dores físicas e psicológicas que sofreram e sofrem. Se bem que Portugal, há pouco, finalmente descerrou o monumento aos que tombaram na guerra colonial, os nomes de mais de 9.000 portugueses gravados naquele muro em Belém justificam-se tanto como os mais de 58.200 no muro em Washington DC. O derrame, que seja um pingo apenas, de sangue humano é sempre demais! Os EUA tomaram medidas, embora no princípio não imediatas, para que se pudesse tratar dos ex-combatentes da guerra do Vietname. Cá nos states podemos receber tratamentos físicos e psiquiátricos. Já os portugueses que cá estão, não o podem fazer. São portugueses fora de Portugal. Não pertencem ao grupo das forças armadas americanas, portanto não podem beneficiar dos serviços médicos dos hospitais dos Veteranos. Aliás, se necessitam de tratamento psiquiátrico devido à guerra em África (e julgo que tantos devem precisar!) têm de pagar do seu próprio bolso. Portugal não é um país rico, mas quem não olha pelos filhos que derramaram tanto sangue e continuam a sofrer traumáticamente devido ao “síndrome político de “tudo-que-ro-e-nada-tenho”, não pode ser bom pai ou mãe. Com milhões de emigrantes portugueses espalhados por todos os quadrantes deste mundo que só Deus é que soube criar, estou convencido de que os governos poderiam fazer muito mais perante a nossa comunidade. Por isso, precisamos de nunca deixar apagar aquele espírito de lutar sempre em prol do nosso POVO. E o Governo deve estar sempre, e justamente, à frente da luta, não atrás!

MP — Quantos foram os luso-americanos que serviram a América no Vietname? E quantas as vítimas?

AC — Quanto às vítimas (mortos) registam-se cerca de cem nomes no muro de granito (Vietname Veteranos Memorial) em Washington D.C. Agora, deve haver outros descendentes cujas mães são portuguesas e pais americanos, e por isso não se sabe, à primeira vista, por não ser nome tipicamente português, que são portugueses ou luso-descendentes. No que diz respeito ao número total de portugueses que serviram na guerra, não há um número exacto, mas sugiro que milhares. Ora, num país destes temos portugueses em cada um dos 50 estados, embora a maioria resida nas costas Atlântica e Pacífica. Sem dúvida, milhares serviram e escaparam fisicamente. Mas, como outros, tantos sofrem, e continuam a sofrer, física e psicologicamente.

MP — O Adalino é um defensor acérrimo da genuína cultura e dos valores portugueses. De onde lhe vem esse profundo gosto pelo que é nosso, depois de tantos anos

na América?

AC — Dos pés a cabeça, sempre fui, sou, e sempre serei português. Posso viver e trabalhar em terras do Tio Sam, mas nunca paro de ser o que sou — Português. A nossa cultura é velha e rica. Merece sobreviver em terras novas. Pois, se a cultura vive, o povo também vive. Se ela morre, também morre o povo. Repito o que um amigo que queria entrar no seminário comigo (ironicamente ele entrou e eu não! Casei!) sempre me dizia: “Adalino: procura sempre chegar às estrelas, mas NUNCA te esqueças quem és.” (RIP caro “A”migo ER). Já me perguntaram se realmente vale a pena. A minha resposta é tal qual como a do nosso grande Fernando Pessoa: “Tudo vale a pena se a alma não é pequena!”. E se me aguento a viver, apoiar e respirar a nossa cultura, cito, então o grande épico Luis Vaz de Camões: quero “estar preso por vontade!”

MP — O que tem a dizer sobre a nossa comunidade portuguesa na América?

AC — Somos tantos, mas poucos. Há quem diga que a união faz a força. Eu sou um deles. Mas, digo ainda que se todos puxassem mais pela mesma corda em vez de puxarem pela corda que lhe melhor convém — e aqui é preciso sermos honestos! — teríamos uma comunidade super-forte em todas as principais instituições dos nossos países acolhedores. O que tenho visto, e digo isto com dor, é



Agosto de 1968. Cabral prepara-se para seguir para Cam Ranh

que a inveja tem destruído muito dentro da nossa comunidade. Ela existe, e é manifestada secretamente — às vezes pelos mais poderosos — quando as fangas venenosas se metem à competição. Digo o que me já foi dito varias vezes:

“Menino, este mundo não é teu — é nosso.” E quem se encontra na posição de ajudar, então deve fazê-lo, mas fazê-lo sem nunca esperar por dádivas. E quem não quiser fazer, pelo menos deixe os outros fazerem. Porque ao fim e ao cabo, “esta vida é uma meia dúzia de dias” como diz sempre o meu querido pai — ainda estudante da Universidade da Vida.



Quebra-Bíllhas

BAR & RESTAURANT

Cozinha portuguesa e espanhola

A CASA DO FADO

51 Pacific Street, Newark, NJ 07105

Tel. (973) 465-0005